



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Gustavo da Rosa Pires

MUNDURUKU

Relatos de pesquisa e docência junto
aos povos originários do Baixo Tapajós

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE ARTES E DESIGN
Programa de Pós-Graduação em Design

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2024



Gustavo da Rosa Pires

MUNDURUKU
Relatos de pesquisa e docência junto
aos povos originários do Baixo Tapajós

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes e Design da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Design.

Orientador : Prof. Dr. Pe. Anderson Antônio Pedroso, S.J.

Co-orientadora: Profa. Dra. Célia Kinuko Matsunaga Higawa

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2024



Gustavo da Rosa Pires

MUNDURUKU

**Relatos de pesquisa e docência junto
aos povos originários do Baixo Tapajós**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Design da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof. Dr. Pe. Anderson Antônio Pedroso, S.J.

Orientador

Departamento de Artes e Design – PUC-Rio

Profa. Dra. Célia Kinuko Matsunaga Higawa

Co-orientadora

Departamento de Design – Universidade de Brasília

Profa. Dra. Denise Berruezo Portinari

Departamento de Artes e Design – PUC-Rio

Prof. Dr. Carlos Potiara Ramos de Castro

Faculdade de Ciências Sociais – Universidade Federal do Pará

Rio de Janeiro, Fevereiro de 2024

Todos os direitos reservados . É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

Gustavo da Rosa Pires

Graduado em Comunicação Social - Cinema e Mídias Digitais no Instituto de Educação Superior de Brasília (2012). Cursou Técnicas de Captação de Som para Cinema e TV pelo Instituto de Artes e Tecnologia (2013). Professor substituto no Instituto Federal de Brasília - Campus Recanto das Emas (desde 2019). É um dos coordenadores do grupo de pesquisa *Projeto Amazônia* na Universidade de Brasília (desde 2016).

Ficha Catalográfica

Pires, Gustavo da Rosa

Munduruku: relatos de pesquisa e docência junto aos povos originários do Baixo Tapajós / Gustavo da Rosa Pires ; orientador: Anderson Antônio Pedroso ; co-orientadora: Célia Kinuko Matsunaga Higawa. – 2024.

55 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)—Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes e Design, 2024.

Inclui bibliografia

1. Artes e Design – Teses. 2. Munduruku do Baixo Tapajós. 3. Projeto Amazônia. 4. Vídeo. 5. Inscrição. 6. Ciborgues. I. Pedroso, Anderson Antônio. II. Higawa, Célia Kinuko Matsunaga. III. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Artes e Design. IV. Título.

CDD: 700

Às minhas avós, Edith e Jerônima,
pelos referenciais de resiliência.

Agradecimentos

A todos os familiares, amigos e amores, que de uma forma ou de outra me estimularam e ajudaram.

À PUC-Rio, pela postura de inovação e reparação histórica.

A todos os professores e funcionários da PUC-Rio, pelos ensinamentos e pela ajuda.

À secretária Bruna Risieri pelo fraterno apoio no gabinete da reitoria.

Aos secretários Romário e Jullyane, pelo trabalho hercúleo junto ao dAD.

Ao colegiado e colegas mestrandos e doutorandos da PUC-Rio, pela mobilização, encorajamentos e partilhas.

Aos colegas professores do CREm do IFB, por jamais terem soltado a minha mão.

Ao NEAz, pelo trabalho de conscientização ambiental e social da juventude universitária.

Aos incansáveis servidores da FUNAI e do ICMBio, pelo acolhimento e pelo trabalho de resistir a sombrios tempos de desmonte e perseguição.

Aos moradores do TI Bragança-Marituba, pela confiança e provocações para uma existência mais atuante, justa e feliz.

Aos meus pais e seus irmãos, pela educação e investimento a todas as horas.

Aos amigos Ester Oliveira e Cleyton Santos, pela oportunidade de contribuições audiovisuais em seus TCCs.

Aos meus sócios Pedro Bedê e Hugo Paiva, pelos incentivos profissionais e de militância. Uma boa viagem.

À minha amiga Julia Maass, por todo incentivo para uma vida adulta e de docência.

À CAPES/PROSUC, pelo auxílio concedido, sem o qual este projeto não poderia ter sido realizado.

Aos professores Cleomar Rocha, Ricardo Dal Farra e Pablo Gobira, pelas oportunidades de apresentação da minha pesquisa.

Ao professor Edward Shanken, pela escuta e corajosas falas sobre espiritualidade, honra e responsabilidade.

Aos professores Patricia Barcelos, Leonardo Bastos, Bárbara Barros, Marcelo Jungman e Luiz Burlamaqui, por me fazerem apaixonar pela educação pública e pela EJA.

Aos professores Angela Saldanha e Nivalda Assunção, pela companhia e reflexões nas expedições e oficinas.

Aos professores Manoel Andrade, Enaile Iadanza, José Mauro e Izabela Brochado, pelos referenciais de militância em prol dos biomas e culturas tradicionais do país.

Às professoras Rita Couto e Vera Nojima, que ministraram cuidadosamente a disciplina de Metodologia.

À coordenadora Luiza Novaes, pela serenidade e firmeza na condução do PPG Design da PUC-Rio.

À querida artista Iracema Barbosa, por me emocionar ao sempre falar com amor e afeto sobre o ofício da arte.

À responsiva Jackeline Farbiarz, pelos atos e palavras de poesia no curso de Fundamentos.

Ao catedrático e musical Frederico Coelho, por me ajudar a compreender melhor o que é ser brasileiro.

Ao companheiro de viagens o professor Carlos Potiara, pelos convites ao exercício da filosofia.

À incrível professora Denise Portinari, por mostrar-me com tanta sofisticação como o pensamento científico desenvolveu-se e se desenvolve no mundo.

Ao meu eterno orientador e herói Fernando Gutierrez, por sempre me tratar com igualdade.

À minha prévia orientadora da pós Rejane Spitz, pelo direcionamento e parceria transdisciplinar para a iniciação deste projeto.

Às minhas amadas mentoras e gurus Célia Matsunaga e Marisa Maass, por me colocarem no caminho da descoberta (e da luta) através da arte e do *design*.

E ao meu estimado orientador Pe. Anderson Antônio Pedroso, pelas palavras de incentivo e pela partilha de uma corajosa visão holística da realidade.

Resumo

Pires, Gustavo da Rosa; Pedroso, Anderson Antônio (Orientador). **Munduruku – Relatos de pesquisa e docência junto aos povos originários do Baixo Tapajós**. Rio de Janeiro, 2024. 55p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Região de conflito de interesses econômicos e ambientais, no oeste do estado do Pará, fica a Floresta Nacional do Tapajós, que é alvo de crescentes ataques por atividades ilegais como o garimpo, a extração de madeira e o plantio de soja em larga escala. No intuito de fortalecer lutas sociais através da comunicação, o Projeto Amazônia (Universidade de Brasília) é uma série de ações feitas por grupo de pesquisadores que atuam junto a aldeia de etnia Munduruku. Na intenção de contemplar o entre-lugar que há na pós-colonialidade latino-americana, o presente trabalho serve-se da ideia de ciborgues: manifestações existenciais físicas constituídas no apagamento de suas identidades originais, e, ao focalizar o aspecto de responsividade que o vídeo oferece aos que se encontram em tal realidade, o estudo também busca conceituar o que seria afinal esse suporte eletromagnético. Para tanto, serão rememoradas vivências de ensino do audiovisual no território mencionado. A reflexão está calcada em autores como Phillipe Dubois; Donna Haraway e Silviano Santiago. Em conclusão, esta dissertação elogia o uso da tecnologia digital em questão enquanto possibilidade de registro da memória e projeto de sociedade para transformação de futuro.

Palavras-chave

Munduruku do Baixo Tapajós; Projeto Amazônia; Vídeo; Inscrição; Ciborgues.

Abstract

Pires, Gustavo da Rosa; Pedroso, Anderson Antônio (Advisor). **Munduruku – Reports of research and teaching with the originary people from Downriver Tapajós.** Rio de Janeiro, 2024. 55p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A region of conflicting economic and environmental interests, in the west of the state of Pará there is the Tapajós National Forest, a target of increasing attacks due to illegal activities such as mining, wood extraction and large-scale soybean planting. In order to strengthen social struggles through communication, the Amazon Project (University of Brasília) is a series of actions carried out by a group of researchers who work with a Mundurucu ethnic village. With the intention of contemplating the in-between place that exists in Latin American post-coloniality, this work uses the idea of cyborgs: physical existential manifestations constituted in the erasure of their original identities, and, by focusing on the aspect of responsiveness that the video offers those who find themselves in such a reality, the study also seeks to conceptualize what this electromagnetic support would ultimately be. To this end, audiovisual teaching experiences in the aforementioned territory will be recalled. The reflection is based on authors such as Phillippe Dubois; Donna Haraway and Silviano Santiago. In conclusion, this dissertation praises the use of the digital technology in question as a possibility for recording memory and a societal project for future transformation.

Keywords

Downriver Tapajós Mundurucu; Amazon Project; Video; Inscription; Cyborgs.

Sumário

1. Introdução	15
1.1. Projeto Amazônia	16
2. Metodologia	20
3. Fundamentação	22
3.1. Vídeo	22
3.2. Inscrição	23
3.3 Ciborgues	24
4. Memorial de campo	26
4.1. Expedição III	26
4.2. Expedição IV	28
4.3. Expedição V	31
4.4. Expedição VI	32
4.5. Expedição VIII	33
4.6. Expedição IX	35
4.7. Expedição X	37
4.8. Encontros remotos	38

5. Discussões	40
5.1. A memória pelo som	40
5.2. A regeneração pelo desenho	41
6. Produto audiovisual	44
7. Considerações finais	45
8. Referências	47
8.1. Referências bibliográficas	47
8.2. Referências de periódicos	49
8.3. Referências de eventos	49
8.4. Referências de vídeos	49
8.5. Referências de sites	50
9. Anexos	51
9.1. Glossário	51
9.2. Cronograma	52
9.3. Produto audiovisual	54

Lista de figuras

Figura 1 – Rio Tapajós	27
Figura 2 – Cacique Munduruku	28
Figura 3 – Seminário na UFOPA (Célia Matsunaga)	29
Figura 4 – Prefeitura municipal	30
Figura 5 – Filha do Cacique	31
Figura 6 – Oficina de vídeo (Célia Matsunaga)	33
Figura 7 – Estudante manuseando câmera	34
Figura 8 – Entrega de equipamentos (Célia Matsunaga)	35
Figura 9 – Montagem de laboratório (Célia Matsunaga)	36
Figura 10 – Oficina de vídeo (Patrícia Tayná)	38
Figura 11 – Produto audiovisual ‘Projeto Amazônia’	54

*É uma ave com muita visão.
Anda e pensa muito alto.
E consegue.*

Cacique Munduruku
sobre o *Parawat* (Pássaro Azul)

1

Introdução

Falar sobre a Amazônia é quase um pecado, pois provoca-nos medo de compartilhar o segredo de que o paraíso ainda existe. Elevo a discussão da região-bioma à categoria profana por entender que trata-se de um assunto sagrado. De um território, portanto, de poder.

É tarefa demasiadamente lenta - e perigosa - cruzar de uma margem a outra o afluente Tapajós do Rio Amazonas. São dezenas de quilômetros de uma margem a outra. Especialmente no trecho em que este se encontra com a foz do Arapiuns. A cor azul da minúscula linha de árvores no horizonte indica a distância até o outro lado. É uma absurda quantidade de água. Ninguém deveria saber da existência de um lugar assim!

A cidade cresce enferma com a poluição sonora, seus prédios espelhados e truculência das forças de segurança. Distribuição de registro para armas, prostituição, sequestros, execuções, estupros, drogas e muito ouro no sorriso do nativo. O esgoto das metrópoles amazônicas é despejado no rio sem sequer ser tratado. O Rio parece aguentar. É assustador como isso não é publicizado aos berros nas ruas. Mais ainda se levamos em consideração o índice de contaminação oriundo do garimpo. As pessoas consomem dessa água e desses peixes.

No oeste do estado do Pará, a metrópole amazônica de Santarém é conectada ao paradisíaco município de Alter do Chão pelas águas do afluente amazônico, o Rio Tapajós, e pela rodovia PA-457, a Santarém-Cuiabá. Essas cidades jazem adjacentes a uma monumental zona de sobreposição de terras composta por Floresta Nacional (FLONA Tapajós) e por Território Indígena, Bragança-Marituba. Embora trate-se da superimposição de duas áreas de conservação, a região é assolada por um crescendo de ilícitas atividades de extração de minério e madeira, além da monocultura em larga escala de soja destinada à pecuária.

Situada no interior da FLONA Tapajós, a aldeia em questão é uma comunidade tradicional composta por população Munduruku, nome que significa ‘formiga vermelha’, inseto de força e coletividade. A etnia indígena de características guerreira e nômade é originária da região do Mato Grosso, mas ao longo de séculos, migra fixando-se nos estados do Pará e do Amapá. Os Munduruku têm como atividades de subsistência a pesca, a caça e o plantio de raízes como a mandioca. Possuem profunda e respeitosa relação xamânica com a natureza e os seres elementais da floresta conhecidos como Encantados, embora também sejam adeptos ao catolicismo. Na região estão presentes também outras etnias como Borari, Tupayu e Tupinambá.

As aldeias envolvidas na pesquisa são de etnia Munduruku e estão localizadas no distrito de Belterra, cidade fundada por Henry Ford durante o ciclo da borracha ocorrido entre o final do Século XIX e meados do Século XX. Portanto, cabe à prefeitura da cidade de edificações de

estilo norte-americano de destinação e gestão de recursos de saúde e educação do TI mencionado. Participa desta pesquisa a Escola Municipal de Ensino Fundamental Nova Esperança.

O suporte eletromagnético conhecido como vídeo pode ser considerado não somente uma manifestação de ordem estética, mas – principalmente – o meio de registro e expressão mais recorrente da atualidade. Em função da constante popularização e disseminação da modalidade smart dos atuais aparelhos telefônicos celulares, a ferramenta passa a ter um caráter extremamente acessível, democrático. Hoje, a possibilidade da escrita videográfica e da propagação em massa de seu substrato encontram-se na palma da mão de cada indivíduo que possui um dispositivo com câmera e acesso à rede de computadores.

Tendo em mente a realidade paradoxal que os territórios outrora demarcados enquanto projetos coloniais enfrentaram ao longo de sua história e seguem enfrentando na contemporaneidade, o trabalho que se segue focaliza como tema uma possibilidade de leitura e escrita contra tais métricas. Seria possível utilizar o vídeo enquanto um mecanismo de resistência e reafirmação de populações originárias que sofreram e ainda sofrem processos de inscrição da cultura metropolitana? O problema de pesquisa se configura a partir dessa indagação. Supõe-se que nas próprias características intelectuais e físicas de tal tecnologia esteja a resposta para a provocação feita.

Este trabalho objetiva também compreender determinados conceitos fundamentais para o campo da identidade latino-americana para estabelecer a necessidade de estudo e fruição desse insumo audiovisual. Para fundamentar os conceitos descritos a seguir, a metodologia utilizada foi a de examinar os escritos de alguns autores que tratam da temática da tecnologia e da arte no processo de emergência identitária. O trabalho faz-se relevante no convite ao leitor para compreensão do poder projetual e transformador que o vídeo possui para a sociedade.

1.1 Projeto Amazônia

Parte do Núcleo de Estudos Amazônicos, que integra o Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares da UnB, o *Projeto Amazônia: visualidade gráfica, poética e imaginada* é uma série de ações feitas por grupo de pesquisadores oriundo da Faculdade de Comunicação e do Departamento de Design da Universidade de Brasília. O coletivo possui vínculo com a comunidade indígena de Bragança para a realização de estudos científicos e artísticos, trabalho que acaba sendo atravessado por questões de ativismo ambiental.

Comandada pela designer e artista plástica, Professora Doutora Célia Kinuko Matsunaga Higawa, co-orientadora deste projeto, e pela designer e arquiteta Professora Doutora Marisa

Maass, a relação entre as partes inicia-se no ano de 2015, quando acontecem as primeiras expedições à região.

Em 2017, dois anos depois, o autor do texto passa a fazer parte do projeto na condição de documentarista e professor de disciplinas técnicas e tecnológicas do audiovisual. À comunidade em questão, dez incursões foram realizadas, em sete delas o autor esteve presente, com a finalidade de pesquisa etnográfica, fortalecimento de vínculo, realização de oficinas e aporte de recursos.

A materialização desses relatos se tornou possível graças à trajetória no PPG-Design da PUC-Rio. O tema sempre foi muito apreciado no departamento. E muito bem recebido pelo Laboratório de Arte Eletrônica, da Professora Rejane Spitz. Esta dissertação só foi possível graças aos recursos oriundos do programa PROSUC da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior – CAPES.

O design, enquanto ocupação, pode ser considerado uma profissão cujo principal objetivo é produzir insumos que resultem na melhoria da qualidade de vida do ser humano. A atividade do designer tem como premissa o pensamento tanto no agora, quanto na contemplação do futuro. Sua tarefa consiste em tentar transformar o mundo de forma a serem obtidos resultados favoráveis à toda espécie.

Não obstante isso, é comum ao imaginário popular a ideia do designer ocupar-se apenas na elaboração de imagens, superfícies, objetos. Materiais palpáveis, em suma. Entretanto, cada vez mais, a área de atuação deste personagem vem estendendo-se às diversas modalidades do fazer e do pensar.

Em função das constantes invasões para repetidos abusos dos recursos naturais da região, o presente trabalho debruçou-se sobre expedições e oficinas presenciais e remotas realizadas na comunidade tradicional de etnia Munduruku. Trata-se de uma investigação voltada às características e potencialidades do ensino da mídia no contexto de luta social vivido por essa comunidade. Processo analítico em que a aldeia tem um papel central, portanto, interessou ao pesquisador o descobrimento do diferente. Deixar-se atravessar pelo olhar do outro.

Ponderando os impactos que a tecnologia invariavelmente acarreta à natureza, o estudo a seguir tem como tema o uso de tal artifício no universo do design quando a serviço da sociedade. Interessou a escrita e diagnóstico das vivências de pesquisa e docência com os moradores da aldeia. O período compreendido para o desenvolvimento do estudo foi o de 2017 a 2023, momento em que inicia-se o relacionamento do autor com ambas aldeias devido ao seu ingresso no grupo de pesquisa Projeto Amazônia.

Como se deram os contatos de pesquisa e docência do autor com a aldeia de Bragança? O que haveria de visível e invisível nessas interações? Como essas populações se relacionam com a tecnologia audiovisual? Visto que, para superação de seus problemas, a humanidade arvora-se no

método tecnológico, seria possível produzir ferramentas em compasso com a regeneração das periferias e do meio ambiente? O problema de pesquisa nasce a partir desses questionamentos.

Aos movimentos sociais, as ferramentas audiovisuais da comunicação tornaram-se importantíssimos instrumentos de divulgação de suas urgentes questões de ordem política e social. Pressupõe-se que a questão de contrariedade não estaria no ato tecnológico em si, mas em seu emprego irracionalmente imediatista. Da mesma forma, entende-se que a tecnologia audiovisual possui caráter de destaque enquanto meio expressivo de regiões vulneráveis a ataques, entretanto, também é sabido que se tratam de regiões de difícil acesso para fornecimento e manutenção de serviços e equipamentos.

Os objetos de pesquisa estudados foram as expedições e, portanto, oficinas realizadas junto ao TI Bragança-Marituba. Momentos formativos de temática tecnológica: audiovisual, informática e inglês.

A partir da conceituação da tecnologia como fundamento para o design social, a pesquisa teve como objetivo principal dissertar sobre as experiências de pesquisa e docência na comunidade da etnia Munduruku. Buscou-se investigar fundamentos pertinentes ao ofício do design e discutir sobre suas implicações para a sociedade. Procurou-se também examinar a potencialidade de tal ferramenta no progresso do setor, especialmente quando focada na natureza.

Os objetivos específicos do trabalho foram fundamentar os conceitos de ciborgues, inscrição e vídeo ressaltando relação com os trabalhos realizados em parceria com os indígenas Munduruku; relatar experiências de pesquisa e docência a partir das ações com a aldeia no período compreendido entre 2017 e 2023; e analisar e discutir o processo e os resultados nas partes de fundamentação e memorial, assim como as temáticas que figuram a realidade da comunidade tradicional selecionada.

A pertinência do estudo se dá pela importância dos compromissos ambientais e comunitários que devem ser estabelecidos e priorizados no desenvolvimento tecnológico e na prática do design. Para tanto, adverte-se um importante meio expressivo: o audiovisual. Refletir sobre o aspecto de facilitação de luta social que tal ferramenta de comunicação proporciona a comunidades indígenas é de suma importância em tempos de retrocessos nos compromissos ambientais e nos processos de demarcação territorial.

É importante ressaltar também o pioneirismo dos indígenas no fazer audiovisual. É de interesse contemplar e celebrar seu autodidatismo em relação à mídia, visto que as pessoas envolvidas na pesquisa não são técnicas ou profissionais da área.

A vivência da prática profissional audiovisual possibilitou ao autor do texto profundo levantamento e análise das obras produzidas na aldeia indígenas do TI Bragança-Marituba. Outra vantagem facilitadora para o desenvolvimento do trabalho foi o relacionamento que o pesquisador possui com a comunidade tradicional em questão.

A interação com o Projeto Amazônia - coordenado pela Professora Célia – também foi de sumária importância para as discussões dos pontos atingidos e como local de materialização de possibilidades de reflexão e fruição no campo da experimentação artística midiática.

Vale afirmar que todo o desenvolvimento de todo o trabalho acontece oriundo de um processo consultivo junto à comunidade participante. As expedições e as oficinas presenciais (e remotas) foram construídas coletivamente a partir dos anseios e denúncias dos professores e estudantes das aldeias Munduruku.

2 Metodologia

De acordo com Marina Marconi e Eva Lakatos, autoras da edição de 2017 da obra ‘Fundamento de Metodologia Científica’: a fim de produzir material oriundo da interação do autor com o mundo, o viés da perspectiva teórica utilizada foi de ordem construtivista. A realização da pesquisa exploratória fez uso de método indutivo de abordagem, onde são observadas diversas premissas e procura-se chegar a conclusões prováveis. Para tanto, o procedimento metodológico foi de natureza monográfica: foi realizado estudo de caso onde foram investigadas comunidades tradicionais a fim de serem obtidas generalizações sobre as mesmas.

Uma das técnicas de desenvolvimento do trabalho se deu a partir de documentação indireta: através de pesquisa bibliográfica, onde foram preconizados os preceitos de comunidade, tecnologia e comunidade de acordo com os autores Philip Dubois, Donna Haraway e Silviano Santiago. Também foram levadas em consideração as participações nas disciplinas do Programa de Pós-Graduação em Design da PUC-Rio e em eventos acadêmicos correlatos.

Também foram considerados fatores de cunho empírico, que levam em conta os processos baseados na experiência de vida do realizador da pesquisa. Foram realizados levantamento e análise das expedições à Amazônia realizadas no período compreendido entre 2017 e 2023 em Território Indígena. A forma de escrever tal capítulo se assume enquanto um ensaio e o presente trabalho divide-se em três pilares: epistemológico, filosófico e estético. Como culminância das expedições realizadas ao norte do país, um vídeo foi produzido com o material coletado em forma de registro audiovisual.

Por ter se tratado de uma pesquisa de cunho etnográfico, à Câmara de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Vice-Reitoria para Assuntos Acadêmicos, foi submetido dossiê para avaliação dos contornos éticos de investigação da pesquisa. Após deliberação dos membros da CEPq, o projeto sofreu ajustes necessários a fim de serem preservadas as identidades dos participantes. Em dezembro de 2024, o projeto foi submetido à Câmara para sua apreciação final.

Durante a realização da pesquisa, o autor evitou a abordagem de qualquer tema que gerasse desconforto. Além de ter deixado claro aos participantes que em caso de desconforto, estes estariam livres para a sugestão de outras atividades ou até a recusa, no momento em que desejasse e sem qualquer tipo de consequência. Nenhum material foi ou será publicizado sem o consentimento das partes. Não foi e nem será divulgada a identidade dos participantes sem o prévio consentimento dos mesmos. Os participantes menores de idade estiveram acompanhados de seus responsáveis durante a condução da pesquisa.

Embora mencione o nome do território, da escola e dos participantes do grupo de pesquisa, esta pesquisa opta por omitir o nome dos participantes e de suas aldeias. Por uma questão de segurança indígenas e seus lares. Assuntos problemáticos da aldeia como invasões, fatalidades, questões familiares foram também respeitados e ficaram de fora do recorte feito nos relatos da pesquisa.

A diferenciação entre uma localidade e outra é feita pelo curso do rio, pela correnteza do corpo d'água. Esta dissertação leva a alcunha de 'Munduruku do Baixo' por se referir a uma região do Oeste do Pará, o Baixo Tapajós. Tal nomenclatura designa uma região que compreende dezenas de aldeias, contudo, as famílias estão ligadas. São todos parentes. Todos Munduruku. Munduruku do Baixo.

A fim de minimizar os riscos de transmissão, todos os protocolos de segurança e prevenção à COVID-19 recomendados pela Organização Mundial da Saúde foram respeitados nas ocasiões em que os contatos se derem de forma presencial, garantindo assim a possibilidade de distanciamento físico nos ambiente. O contato entre as partes se deu nas dependências da Escola Municipal de Ensino Fundamental Nova Esperança, ambiente aberto e arejado. Foi obrigatório o uso de equipamentos individuais de proteção, como máscaras e luvas. Além de constante higienização das mãos com álcool em gel. Tais insumos foram disponibilizados pelo pesquisador.

Em paralelo ao desenvolvimento da dissertação em questão, também foi realizada a produção de um vídeo contendo todo o registro das expedições à Região Amazônica. A descrição do produto segue no Capítulo 6, sua inclusão no documento se dá na parte dos anexos e seu endereço na internet também pode ser encontrado nas referências videográficas ao fim deste documento.

3 Fundamentação

No princípio do mundo, o universo inteiro era silencioso. Em míticos textos, como a bíblia de Santiago Maior, nos é apresentada a ideia de que a criação da existência se deu através de um comando sonoro para um fenômeno luminoso: *fiat lux* (faça-se a luz). Pela ótica do físico e matemático, Pe. George Lemaître, o início do mundo se deu em função de um evento, que foi batizado de ‘*Big-bang*’, em que todo o universo partiu de uma única e instável partícula.

Os nossos sentidos podem ser considerados respostas cerebrais a estímulos físicos do mundo externo. Audição, por exemplo, é resultado da percepção interpretativa relativa às variações da pressão atmosférica ao redor do corpo de um receptor sonoro. Similar a um barômetro, o ouvido humano compreende diferentes aspectos do som em função das compressões e rarefações das moléculas de ar mais próximas. Essas vibrações podem ser interpretadas como tensões e relaxamentos dos objetos, o que interfere diretamente na eletrosfera dos átomos das imediações.

Também uma resposta cerebral a estímulos externos, a visão, por sua vez, é considerada uma interpretação do sistema nervoso central a percepções de ordem luminosa. Assim como possuímos em nossos ouvidos mínimas estruturas ósseas cujas células são capazes de reverberar na mesma frequência sonora receptada, em nossos olhos também possuímos células sensíveis à vibração.

3.1 Vídeo

Imagens são superfícies de semelhança artificial com a realidade. Representação da forma externa de algo. Iniciativas bidimensionalmente planejadas com o objetivo de cristalizar simulação das múltiplas camadas mundo tridimensional e temporal. Registros visuais como esculturas, pinturas e tapeçarias são formas de imagéticas possíveis de serem apanhadas com golpes de vista, compreendidas não por um processo de leitura linear, mas por lances de olhares.

Isso se difere do pensamento de quem faz o uso do alfabeto para escrever - modo de representação que deve ser interpretado em retas de ideias dispostas a chegar a algum lugar. As imagens, por sua vez, já estão lá neste lugar.

Vídeo, do latim *videre*, que significa “eu vejo”, é termo comumente empregado como prefixo determinante de característica definidora do estado material de algum substantivo (videoarte, videocassete, videoclipe, videogame, videotape). É meio de produção e de difusão. De acordo com o filósofo francês, Phillipe Dubois, na publicação ‘Cinema, vídeo, Godard’, de 2004, a mencionada mídia propõe-se a ser tanto um tipo estético quanto um meio de comunicação. Etimologicamente, a palavra partiria de uma ação: ver, olhar, enxergar. No caso, da experiência em primeira pessoa desse gesto ativo de praticar o sentido da visão.

O fenômeno conhecido como persistência retiniana pode ser descrito como a permanência, por alguns instantes, do reflexo de um objeto no fundo dos olhos de um indivíduo (na parte do cérebro conhecida como retina) antes de seu total desaparecimento. Eventos como este tornam possível a ilusão objetivada pelo cinema de imagem em movimento, que tradicionalmente sequencia dezenas de fotogramas por segundo para tanto.

No universo audiovisual digital do vídeo, é possível afirmar que não se realiza tentativa de simulação de mobilidade a partir de imagens estáticas, mas o que ocorre é justamente o puro registro das vibrações da luz, do espectro eletromagnético luminoso, em um dado período de tempo. No universo digital do vídeo, é possível afirmar que não é realizada tentativa de simulação de um movimento a partir de imagens estáticas, mas o que é capturado são as vibrações da luz, espectro eletromagnético luminoso, em um dado período de tempo. O vídeo é uma prática eletrônica com a luz.

3.2

Inscrição

É possível observar a violência que Vilém Flusser, filósofo de origem tcheca, salienta existir no processo de implementação da linguagem de uma população sob o jugo de outra, que seria sua opressora. Desde a extremidade seca dos cinzéis de entalhes em pedras, até as molhadas pontas das penas e pincéis. A cada nova civilização, um novo método de disseminação de ideias é imposto. Uma nova forma de ver o mundo presente, mas também a realidade passada e futura. A árvore familiar da escrita alfanumérica ocidental é uma história contada pelos sobreviventes dos

conflitos, nos explica o autor em sua obra ‘A escrita: há futuro para a escrita?’. Para ele, o ato de escrever por si só evidenciaria uma consciência histórica hegemônica e autocentrada. Sobre o conceito de inscrição, ele cinzela:

Escrever origina-se do latim “scribere”, que significa “riscar” (ritzen). E a palavra grega “graphein” significa “gravar” (graben). Portanto, escrever era originalmente um gesto de fazer uma incisão sobre um objeto, para o qual se usava uma ferramenta cuneiforme (um “estilo”). [...] In-formar é um gesto negativo, orientado contra o objeto. O gesto de um sujeito que avança contra os objetos. [...] É o gesto do querer livrar-se de uma resistência obstinada que os objetos oferecem ao sujeito (FLUSSER, 2010b, p.25-26).

Com vistas a inéditas rotas comerciais, uma Itália dos séculos XV e XVI tornou-se responsável por financiar a expansão marítima propiciada pelo período de grandes navegações ibéricas: empreitadas náuticas que transformaram completa e irremediavelmente a superfície do planeta e seu habitantes. Em busca de alastrar a influência cultural de seus reinos (e frustrados com o repetido fracasso de séculos de cruzadas à Península Arábica), esses marinheiros atiraram-se ao mar crendo ser no Novo Mundo seu projeto seguinte de predominação (BRAGA et al, 2010).

Em sua ‘Carta ao rei’, o escriba português Pero Vaz de Caminha relata suas primeiras impressões do território brasileiro e seus originários povos (*in* CASAL, 1817). Ao longo do relato do ano de 1500, o autor reconhece a ingenuidade e a pureza dos habitantes nativos, mas adianta a seu suserano a potencialidade de torná-los súditos fiéis, caso da vontade real.

Imbuídos da doutrina cristã, tais seres em bruto estado de experimentação, ao aqui desembarcar, transformaram paisagens, apagaram identidades, inscreveram suas crenças nas populações nativas de suas colônias. Para a descoberta foi necessária coragem, audácia, mas, para a colonização, a falsa cordialidade, a espada – diz o crítico literário Silviano Santiago, no livro ‘Vale quanto pesa’, de 1982.

3.3 Ciborgues

Toda forma de cultura pode ser considerada tecnologia. Da instrumentalização de utensílios manuais pré-históricos à moderna conquista do espaço sideral, a árvore genealógica da tecnologia desenvolveu-se ao largo das e de modo a assessorar as faculdades humanas em seus feitos, afirma o filósofo americano Carl Mitcham em “*Thinking through technology*”.

Na análise de pensadores tecnológicos otimistas, a tecnologia deve ser celebrada pelo aperfeiçoamento que proporciona à vida humana. Já sob perspectiva humanista, há crítica quanto ao seu lado destrutivo, quanto aos custos que implica. Tal dualidade revela embate entre a maturidade intelectual e a imaturidade emocional da espécie humana.

A expressão ‘cibernética’ parte da ideia de movimento. Movimento esse do ser humano que assume a direção de sua existência, desta maneira, corrigindo sua trajetória quando do seu desejo. Para a bióloga Donna Haraway, em seu texto ‘Antropologia do ciborgue’ (2000), o conceito de ciborgue parte da ideia de corpo humano ampliado, expandido. Organismo aprimorado pelo uso da tecnologia a fim de superar sua limitação natural, que inclui enfermidades, más-formações ou até mesmo a morte.

Transcendendo também o pensamento de sujeitos apenas enquanto unidades, a autora segue encadeando seu raciocínio sobre o tema estabelecendo uma metáfora de redes entrelaçadas de organismos híbridos. Corpos enquanto fluxos e intensidades, correntes e circuitos. Entretanto, a noção central da qual este trabalho se vale consiste na de identidade: a fusão ou transformação de individualidades. Organismos forasteiros e marginalizados, desviantes à regra padrão, ao universal vigente: pessoas pigmentadas (não-brancas), do gênero feminino ou de orientações sexuais diversas.

4

Memorial de campo

O capítulo a seguir é uma celebração da experiência. Relatos de pesquisa e docência junto aos povos originários da região conhecida como Baixo Tapajós.

Após uma re-aproximação ao universo acadêmico no segundo semestre de 2015, na condição de aluno especial do PPG em Artes Visuais da Universidade de Brasília, Gustavo é convidado a realizar cobertura videográfica da exposição ‘Gráficosrca’. O evento se deu no dia 4 de novembro de 2015, no mezzanino Museu Nacional da República em Brasília, e contou com as obras dos alunos da escola de design da Royal College of Arts, de Londres. A curadoria da vernissage ficou a cargo das Professoras Célia Matsunaga e Marisa Maass.

No ano seguinte, Gustavo participa também do registro da exposição ‘Uni[verso] Amazônia’, cuja abertura ocorre em 16 de junho de 2017. Na ocasião, Gustavo da Rosa é convidado para realizar expedição à Amazônia na condição de repórter cinematográfico.

4.1

Expedição III

O principal problema enfrentado por aquele que for à Amazônia sempre será subestimá-la. Seu tamanho, suas pessoas, sua complexidade... Cometi os seguintes erros ao fazer minhas malas para a minha primeira expedição, a terceira do grupo. Esqueci chinelos, bermudas sobressalentes, filtro solar e óculos escuros: coisas fundamentais à uma viagem tropical! Não deveria ser difícil lembrar, mas o esquecimento provocou um aprendizado importante.

Evite andar muito tempo descalço. Apesar da ideia parecer maravilhosa em um primeiro momento, existem parasitas que vivem de atacar os pés das pessoas. E eles são bons nisso. Há muito lixo na Amazônia. Caco de vidro na areia da praia de rio. Resto enferrujado de lata de alumínio no meio da mata. Um lixo antigo, parado, que pode cortar o seu pé. Também pilhas, inúmeras do tipo D, que muito se usava nas lanternas antigas. Não sei se é pior encontrá-las simplesmente ou fato de encontrá-las em estado de avançada deterioração.

A calça pode ser um aliado na resistência aos ataques de mosquitos e baixas temperaturas à noite no meio da floresta, contudo, o destacamento de diversas peças curtas é imprescindível para as experiências diurnas de uma boa viagem. Percorrem-se grandes distâncias, realizam-se trabalhos

braçais. Não é prudente estar com seus movimentos limitados. Mas, principalmente, por conta da umidade elevada.



Fig. 1 – Rio Tapajós

A incidência do sol da Região Norte é equatorial. Somente as árvores oferecem abrigo, pois as nuvens - quando presentes - parecem estar em constante movimento. A luz, refletida na superfície azul da água, acarreta em elevadas temperaturas em um ofuscante horizonte. Óculos escuros atrapalham na hora de operar uma câmera, mas não devem nunca ficar em casa.

A terceira expedição do grupo de pesquisa Projeto Amazônia, primeira do autor, aconteceu dentre os dias 22 a 28 de agosto de 2017. Estavam presentes os professores Celia Matsunaga, Shirley Queiróz e Carlos Potiara. Além dos pesquisadores Letícia Vieira, Mariana Santos, Natália Delgado, Ana Cláudia Mascarenhas, Gustavo Azevedo, Kelly Cristina e Ticiano Esmeraldo.

A primeira impressão que tive ao visitar a casa das pessoas na aldeia, foi como tudo era feito por eles. Suas casas e telhados, seus móveis, seus enfeites e sua comida. O trabalho com a madeira faz onde comer e onde sentar, a rotina precisa diária da cozinheira. Para Vilém Flusser (2007), pensei, esse é a categoria que enquadra os designer. *Hommo fabris*. O homem manual, que produz para si e para o mundo. Um artesão. Alguém que escreve para si, mas para o mundo.

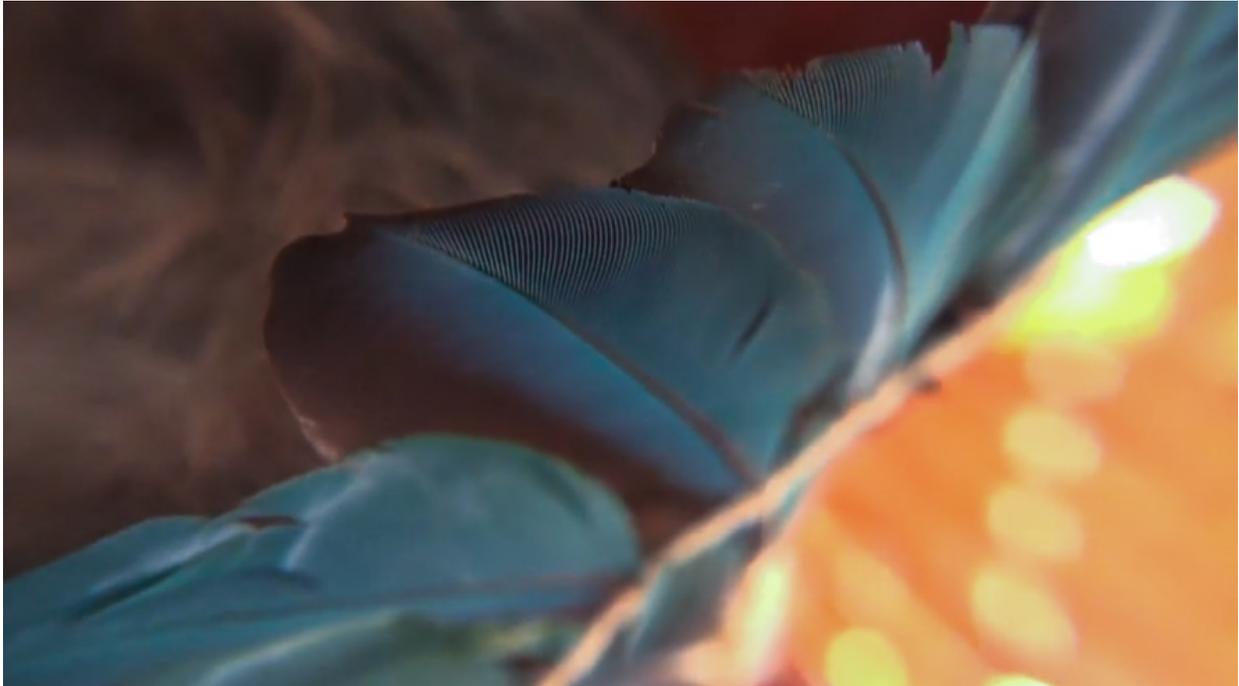


Fig. 2 – Cacique Munduruku

Fomos recebidos de imediato por uma assembléia de moradores da região. Ali estavam reunidos professores e estudantes das aldeias vizinhas. Na condição de estudantes de Comunicação e Design, acolhemos denúncias quanto a dificuldade ao pleito de vagas indígenas nas universidades, em função dos problemas para acesso à internet. Interessam as vagas destinadas a indígenas nas universidades.

Com o cair da noite, nos preparamos para o ritual do fogo. O momento acontece na maloca sagrada, uma oca ventilada cujo chão é de areia e ao centro há uma fogueira. As formigas pareciam devorar meus pés descalços durante a apresentação dos nossos anfitriões.

Os Munduruku parecem enxergar além do que os olhos normalmente vêem. Esse é um fato bastante intrigante. Após a cerimônia, em conversa com o Cacique Munduruku, durante a exposição, ouvi diversas coisas de ordem bastante pessoais serem proferidas por ele. Como se a liderança que se estivesse ali na minha frente, tivesse de alguma forma desconhecida a possibilidade de acessar essas informações. Um saber que em mim jazia inerte, latente.

4.2 Expedição IV

Dos dias 5 a 10 de dezembro do mesmo ano, toma forma a Expedição IV. Com as professoras Célia Matsunaga e Marisa Maass. E os pesquisadores Mariana Santos e Gustavo Azevedo. E no dia 7, no Campus Amazônia da Universidade Federal do Oeste do Pará, aconteceu um seminário com a presença do líder da região do Alto Tapajós e o linguísta francês Pierre Picá.

A apresentação feita evocou uma ideia de que há uma tecnologia escondida por trás dos sons. Por trás das palavras. Não seria somente uma questão sonora, mas um vasto leque de saberes relacionados. Um som poderia significar um ponto no espaço e outro som a o mesmo ponto, só que em um momento diferente. Também não é uma questão simplesmente de localização ou tempo, mas toda uma lógica de se comunicar, interpretar. À palavra geometria escapa os significados do que eles estavam explicando, mas eu considero extremamente feliz e entendo perfeitamente a analogia que estabeleceram. Contudo, me atrevera a sugerir o conceito de trigonometria: que necessariamente implica uma dimensão a mais no plano cartesiano.



Fig. 3 – Seminário na UFOPA (Célia Matsunaga)

Ao cruzar Belterra por terra, é possível notar uma arquitetura “americanizada”. O que revela um ar pretérito de progresso, mas que foi completamente abandonado e vive em decadência. Suas casas de madeira e até a caixa d'água se assemelham a uma cidade dos Estados Unidos. O nome de sua cidade vizinha confirma, “Fordlândia”. Um sonho do passado abandonado no presente.

Após a visita à cidade e assim que chegamos na aldeia, fomos recebidos pelas crianças no rio. O volume de água estava mais baixo e as crianças ao mergulharem conseguiam ver a vegetação no fundo. Há instantes do dia em que se retiram e não entram mais na água. Somente para caçar à noite. E de canoa. A Casa da Encantada é um local adjacente à entrada da aldeia pelo rio. É um local sagrado, com muitas altas árvores. Suas alturas ainda parecem dobrar ao refletirem na água. É proibido tomar banho ali após às 18h. Histórias de pessoas que desaparecem assim. Só comecei a esboçar entendimento a respeito expedições após.

A linha das árvores da aldeia parecia ter retrocedido, os caminhos por onde passávamos pareciam estar mais a mercê do sol. Sorte que estava nublado. A maloca sagrada agora tinha um portão de madeira ao seu redor. Tudo o que fazem, fazem utilizando suas mãos. A madeiras estavam dispostas a alternar sua direção diagonal a cada painel, assim imitando o desenho inscrito, esculpido na casca de uma seringueira quando extraída sua borracha.



Fig.4 – Filha do Cacique

O Cacique me tranquilizou que era normal muitas árvores caírem em período do chuva. E outras tantas serem retiradas a fim de acidentes serem evitados. A aldeia me pareceu mais triste esse dia. Porém, no ritual, o único momento descalço, as formigas não passaram nem perto. O evento segue registrado na videoarte chamada ‘Pássaro Azul’. A obra integrou durante a pandemia do COVID-19 a ocupação ‘Piracema, arte na pandemia’.

Durante o dia seguinte, tivemos a oportunidade de conversar com as lideranças da aldeia sobre a saúde do município. O Cacique e sua filha, agente de saúde. A filha do Cacique é uma liderança dentro da aldeia. Estuda em Santarém e leva consigo uma de suas filhas, a mais velha, para aprender sobre o ofício. Fora denunciada a inexistência do Estado pela pasta.

Sobreouvi conversa sua com uma das filhas enquanto caminhávamos, onde disse que alguém só acreditava em médico, só fazia o que ele mandava. Novamente aquela sensação de que há um saber que não se acessa. Dessa vez, acompanhada por uma admiração pela postura. A liderança que outrora defendia a ciência, clamava o acesso a ela, ao mesmo tempo a mantinha em xeque.

4.3 Expedição V



Fig. 5 – Prefeitura municipal

Parecia um filme. A cidade parecia fantasma. Na visita ao posto de saúde municipal, não nos deparamos com muitas pessoas. E ninguém de dispôs a conversar. A caixa d'água da cidade se assemelha muito a dos estúdios da Warner nos Estados Unidos, tamanha sua iconografia norte-

americana. A Expedição V aconteceu de 3 a 8 de agosto de 2018. Presentes as professoras Célia Matsunaga, Marisa Maass e Cláudia Garcia.

Durante nossa chegada, as crianças se banhavam no rio. O volume de água estava alto, as crianças pulavam repetidamente da ponte liga à outra margem. Ao caminhar pela aldeia reparei como não só as árvores haviam voltado a crescer, como também pareciam mais verdes, mais saudáveis, como se tivessem mais espaço ou algo antes as estivesse atrapalhando. Nunca mais me pus a contestar qualquer tipo de manejo florestal feito pelos parentes. Eles parecem saber muito bem o que estão fazendo. Como se conversassem com a mata e assim extraíssem melhores informações. Informações às quais não temos mais acesso.

Boa parte das residências começam a ter internet. Embora contem com nossa ajuda, os Munduruku não ficam parados. Pagam como pode para terem um serviço que faz toda a diferença para suas vidas. Mandam mensagem para pessoas distantes, ficam sabendo o que está acontecendo no mundo, pedem socorro quando necessário...

Essa foi a primeira vez que vi a presença de outros visitantes na aldeia. E em grande quantidade. Um cruzeiro repleto de franceses chegara até aquele ponto do Rio Amazonas adentrando contra a corrente pelo Oceano Atlântico. Fiquei imaginando mercantilistas morrendo séculos atrás ao arriscar o mesmo percurso a galeão. Foi naquele momento que entendi que, sim, o turismo era a principal atividade econômica da aldeia. Era assim que obtinham boa parte de seu sustento. Não havia até então pensado no ritual como um produto. Uma *commodity* a ser explorada. E a exposição de artesanato como uma loja de *souvenires*.

4.4 Expedição VI

De 29 de abril a 1º de maio de 2019. O grupo formado por Angela Saldanha, Célia Matsunaga, Daniel Mira, Carol Mira, Ayana Mira, Mariana Santos e Isadora Sá realizou a sexta expedição do grupo de pesquisa. Fomos recebidos com aula de língua materna pelo professor destacado à aldeia oriundo da região do Alto Tapajós. Interessante notar como determinadas entonações podem significar informações completamente distintas.

Fomos convidados pelo Cacique para realizarmos uma trilha. A da nascente. Uma trilha sagrada e que deve ser mantida em segredo. Ao adentrarmos pela mata, era como se tivéssemos entrado em um outro planeta. As espécies de insetos, plantas e fungos pelo caminho pareciam desafiar os limites da imaginação de uma pessoa. Flores amarelas triangulares pendendo das árvores, raízes laranja rasgando a terra, besouros parentes de caranguejos e cogumelos em formas geométricas.

Ao chegarmos na nascente, um ponto onde a água apenas goteja de uma pedra formando um filete abaixo. O Cacique ofereceu-nos um pouco do líquido. Um a um, nos aproximamos e com a

ajuda do guru, molhamos o rosto ali. Na minha vez, ao agradecê-lo, ouvi a resposta “de nada, professor Gustavo”. Naquele dia eu era apenas um repórter, mas dali a menos de seis meses eu tomava posse como docente substituto.

4.5 Expedição VIII

Após a turbulência da pandemia do coronavírus, entre os dias 24 e 25 de fevereiro de 2022, os pesquisadores integrantes do Projeto Amazônia, Célia Matsunaga, Carlos Potiara, Aline Resende, Mariana Santos e Manuela Abdala visitaram a Escola Municipal de Ensino Fundamental Nova Esperança de Bragança - Expedição VIII. A viagem foi a primeira mobilização da equipe para a produção de oficinas de comunicação junto à comunidade. Durante o primeiro dia foram conduzidas aulas sobre as etapas da produção audiovisual. Falas sobre o processo de elaboração de roteiro, decupagem fotográfica, fotometria de câmera, iluminação em três pontos, captação de som direto e edição.



Fig.6 – Oficina de vídeo (Célia Matsunaga)

Os estudantes e professores da aldeia foram divididos em grupos para a execução de exercício de construção de narrativa audiovisual e, entre eles, foram sorteados temas sobre artesanato, ervas medicinais e farinha de mandioca. Coube aos aprendizes a prática de entrevistas e produção de imagens de cobertura. No dia seguinte, a pedido do corpo docente da escola, a temática do encontro consistiu em lições a respeito de informática básica: componentes internos, periféricos e internet.

As oficinas foram recebidas com muito entusiasmo. Em geral, os Munduruku são pessoas muito felizes. Sagazes. Suas conversas são bem humoradas. Não deixam nada escapar. Estão sempre sorrindo. Levam a vida de uma forma muito positiva. A experiência de lecionar em uma sala de aula dentro de uma aldeia foi muito rica. Estar em um mesmo ambiente, conversando com crianças, anciãs, jovens, adultos, mães, crianças de colo. Todo mundo em uma mesma sala. Sentados, chorando, cochichando, sorrindo. Mas todos atentos, partilhando. Aos parentes interessa saber. Nada escapa. Não deixa de ser um desafio buscar uma forma universal de comunicação: buscar as palavras que comunicam e as abordagens que interessam a todos.



Fig.7 – Estudante manuseando câmera

As crianças se banhavam, agora, em outro local. Um mais afastado, porém mais alagado. Para acessar, somente de canoa. A tarefa de conduzir sozinho uma canoa tripulada pode ser difícil para quem não está acostumado. Especialmente com a presença de diversos obstáculos à frente.

Sentar-se à frente ajuda a controlar o centro de gravidade. Resta prestar atenção em na direção que o barco toma. Os movimentos são muito sutis e devem ser alternados. A palavra de ordem é economizar. Evitar esforçar-se muito. Aproveitar os movimentos ao máximo, como um nado. Deslizar sem pressa.

As noites na aldeia têm um silêncio ensurdecedor. O “silêncio” da floresta. Grilos cantando, macacos berrando, sapos coaxando. Todos atrás de alguma coisa. Amor, comida. Aquela *rave*. Contudo, o mais profundo silêncio. Somente a luz das estrelas.

4.6 **Expedição IX**

De número IX, expedição seguinte tomou forma entre 02 e 04 de agosto daquele ano, com Célia Matsunaga e Carlos Potiara, e teve como propósito a doação e montagem de equipamentos audiovisuais e de informática. O recurso destinado à aquisição dos materiais de trabalho foi concedido pelo Conselho Britânico (British Council) graças a projeto desenvolvido pela Royal College of Arts, de Londres, em parceria com a UnB.



Fig.8 – Entrega de equipamentos (Célia Matsunaga)

Computadores, celulares, *tablets*, câmera e acessórios compunham lista de insumos que materializaram na criação de um laboratório tecnológico na escola da aldeia. Portanto, os esforços da viagem se destinaram na instalação e vistoria dos equipamentos.

No dia seguinte à organização da biblioteca da EMEF Nova Esperança, como de costume, resolvi fazer imagens estáticas e em movimentos da aldeia. Aos primeiros raios do dia, quando as pessoas ainda estão dormindo, pode ser um momento interessante para registrar a natureza. Por já ter ido algumas consideráveis vezes à Casa da Encantada, acabei adentrando-a de forma muito abrupta e confiante. Desrespeitoso até. Distraído, pisei em buraco e tive a perna direita completamente engolida. Feito areia movediça. Isto me lembrou dos casos de pessoas que desaparecem ao se banharem sozinhas. Eu ainda acho que tive sorte.

Ao encontrar-me com o Cacique, apressei-me relatar o ocorrido. O Cacique Munduruku explicou-me que a floresta, a natureza são como um corpo. Um corpo que precisa ser respeitado, nutrido, cuidado como qualquer outro. Nunca mais me dirigi ao local sem antes pedir passagem. Me fez recordar que há samba sobre pessoa que ensina outra sobre pisar em determinados solos de forma não-célere.



Fig.9 – Montagem de laboratório (Célia Matsunaga)

A presença de equipamentos audiovisuais e de informática em Bragança possibilitou a continuidade dos encontros didáticos sobre vídeo e computadores. Ainda que remotas, entre os

meses seguintes, de setembro a dezembro, onze oficinas foram conduzidas abordando questões sobre nomenclaturas técnicas em inglês, colorização, animação básica (*stop motion*), acessórios, armazenamento e programas de edição de texto.

Entre os dias 2 e 6 de novembro de 2022, participei do 9º SIIM - Simpósio Internacional de Inovação em Mídias Interativas, em Santiago do Chile. Na ocasião, graças à Professora Rejane Spitz, tive a oportunidade de conhecer o artista e professor californiano Edward Shanken. O interessante da pesquisa de Shanken é como este entende o som. Como uma tecnologia de poder. Para comunicação, para a cura. “Tocar o ambiente, para além do instrumento”, disse. Me fez lembrar muito a fala do lingüista e do Cacique do Alto.

Em conversa posterior, Edward revelou-me suas experiências junto às comunidades tradicionais. Um outro ponto que chamou-me atenção foi o entendimento do palestrante em relação ao conhecimento. Uma postura de afirmar que o saber gera honra. Logo, a sabedoria requer ética, responsabilidade. Sua palestra me evocou também outro sentido para a palavra conectividade. Não somente o de estar ligado através de filamentos, mas o de um pé descalço. Uma conectividade com o ser vivo que é o planeta.

4.7 Expedição X

A Expedição X, de 28 de fevereiro a 1º de março de 2023, contou com a presença de novos integrantes na equipe. Além de Célia Mastunaga e Gustavo da Rosa, participaram da viagem: Nivalda Assunção, Eneida Figueiredo, Natália Barbosa, Yara Monteiro e Patrícia Silva. Na ocasião oficinas de desenho, cianotipia e audiovisual foram conduzidas. O destaque ficou com a apresentação à aldeia de jogo digital produzido pela graduanda Patrícia: inspirado em Bragança, o jogo consistia na “gameficação” de tarefas do cotidiano da aldeia.

Durante oficina presencial sobre vídeo, após breve explicação, sugeri aos estudantes realizarem desenhos para treinarem o contar de uma história a partir de planos. A maioria dos trabalhos consistia em relatos do cotidiano dos jovens. Tarefas na escola, no campo e em casa. Passeios de barco, carro ou ônibus. Momentos de trabalho e descontração. Contudo, os desenhos demonstravam uma linguagem específica. O formato visto nos filmes, nas novelas, na televisão. As tarefas descritas eram fantásticas. Perigosas. Com a presença de animais, acidentes na estrada (isso me preocupou) e soluções inacreditáveis. Essa experiência me leva a realizar que a tecnologia já está na lá.



Fig.10 – Oficina de vídeo (Patrícia Tayná)

As crianças dançam as coreografias das redes sociais. Assistem novelas e ouvem músicas da Coreia do Sul. Riem com os vídeos do YouTube. Jogam diversos jogos. As professoras se queixam que os alunos não brincam mais como antigamente, embora assegurem que a tecnologia é fundamental para seus estudos.

Após o ritual da última expedição, permanecemos todos juntos para trocarmos algumas falas sobre todos os encontros que tivemos. Não pude deixar de mencionar como sempre me senti. Na aldeia eu sempre tive acolhimento, sempre me senti bem-vindo. Uma questão que muito me comove é me deparar com a falta de sentido na rotina da cidade. As contas, o trânsito, o tempo, a competição. Ao conviver com as pessoas na aldeia, percebo o que realmente importa. A vida que levam possui muito mais verdade. Embora exista um saber cuja prática eu não alcance, esse modo de vida compartilhado pelos Munduruku supera qualquer tecnologia de ponta.

4.8

Encontros remotos

Uma segunda etapa de condução das aulas remotas ocorreu durante o restante ano de 2023. Temas com *softwares* livres, *podcasts*, *lives* e edição audiovisual foram não só retomados, mas aprofundados. Os estudantes e professores da EMEF Nova Esperança mostram-se ávidos por conhecimento tecnológico. A relação que esses indivíduos possuem com tecnologia é de muita disciplina e sensibilidade no processo de construção de narrativas. É surpreendente como a comunidade mantém-se interessada por questões de ordem prática inerentes aos usuário de computadores, câmeras e dispositivos móveis.

Foram inevitáveis os percalços tecnológicos durante tais momentoss. É um paradoxo, por si só, o gesto de intentar conduzir encontros remotos com comunidades difícil acesso e em condições incertas de fornecimento de serviços como energia e internet. A desistência acaba tornando-se escolha para os participantes que eventualmente passam por momentos de tensão e fragmentação do conteúdo durante a aula. É desestimulador por vezes.

Um caminho razoavelmente possível é o da aula assíncrona. O registro do conteúdo das oficinas em vídeos foi algo que possibilitou uma continuidade da empreitada por tempo considerável. Assim que acontecia algum imprevisto, eu corria para registrar a aula em vídeo. Assim que pronta, a mesma era compartilhada com a Escola. Os estudantes e professores dessa maneira tiveram a opção de acessar o conteúdo no momento em que lhes era mais oportuno. E contando com a possibilidade de assistí-lo quantas vezes quiser.

Um artifício que também mostrou -se útil foi mencionar os nomes dos estudantes durante as aulas assíncronas. O estabelecimento de cenários, exemplos contendo os participantes das oficinas gerou um maior engajamento dos mesmos e promovia discussões descontraídas durante os encontros seguintes.

5

Discussões

Ao filósofo alemão Arthur Schopenhauer, atribui-se feito de correlação da filosofia moderna aos princípios ascetas do budismo. O pensador deixa como legado, em sua obra “O mundo como vontade e como representação”, corrente de pensamento pessimista que compreende a vida como experiência de provação e dor: dos avassaladores buracos negros às fatais competições no reino animal, toda forma de existência seria uma cotidiana tragédia.

Recuperando princípio cosmológico Pré-Socrático, onde rompe-se com a ideia dogmática da criação por entidades transcendentais exteriores, Schopenhauer compreende que os fenômenos do mundo natural seriam representações de ordem empírica da subjetividade humana. O mundo seria entendido a partir de seus elementos, sem postulação em figura criadora: a existência seria fruto de uma vontade cósmica indivisível. E a origem de todo o sofrimento seria oriunda da manifestação dessa motivação entrópica do todo.

Somente o fazer da arte, conseqüentemente, do design, seria momento de suspensão e consolo de tal amarga condição de existência: caberia ao ser humano retorno e contemplação do mundo natural, assim praticando a negação de suas pulsões e desejos. A origem de toda obra jazeria no belo da natureza e ao homem caberia a preservação da mesma.

A arte acaba por ter função reflexiva ao ser humano, portanto, efeito desprogramador. E, a partir de princípios da filosofia budista de interdependência dos elementos da realidade, faz-se necessário entendimento de que a tecnologia não está em conflito com a natureza, mas é uma extensão do reino humano. A centralidade da questão estaria na reinvenção de outras formas de existência a partir de buscas coletivas regionalizadas voltadas à regeneração.

5.1

A memória pelo som

O ser humano é ser social: a verdadeira finalidade em suas produções consiste no estabelecimento de relações sociais. O ser humano também é um ser territorial: as relações sociais que se estabelecem geralmente estão associadas a vínculos de proximidade em função de referências físicas.

Zygmunt Bauman apresenta em “Comunidade: a busca por segurança no mundo atual”, concepção de sociedade ideal: pequena, distinta e autossuficiente. O pensador polonês defende que as comunidades (nomenclatura utilizada em referência às populações periféricas) seriam locais mais propensos a mudanças de paradigmas estruturais, pois não seriam condicionados às métricas de produção e automação dos grandes centros. Consequentemente, por tratarem-se de espaços de maior poder de desvinculação de tal rigidez, constituiriam possibilidade de contexto mais humanista voltado aos seus integrantes.

O autor ainda equipara o conceito à ideia de paraíso. O ser humano estaria eternamente fadado a demandar tal estado de equilíbrio entre seus integrantes e com o planeta. A comunidade seria um projeto de futuro ideal em que nunca se atingiria seu ápice e ao qual se estaria em eterna construção.

Uma grande questão da população indígena é sua relação com a fala, com a oralidade. Sua língua falada e vivida é o que preserva sua memória. Os povos originários, para avançarem para o futuro, procuram sempre estar de acordo com sua memória, seu verdadeiro patrimônio. Consideram ser um mapa para o futuro – assim defende Sandra Benites, indígena da etnia *Nhandewa*, curadora do Museu de Arte de São Paulo.

O entendimento de mundo das comunidades tradicionais está relacionado com a memória ancestral. Narrativas construídas pela fala experiente dos anciãos de cada etnia. Se faz necessário preservar (para ativar) a memória como desejo de fala e escuta (BENITES, 2022).

5.2

A regeneração pelo desenho

Em seu livro “O mundo codificado”, o filósofo tcheco Vilém Flusser convida o leitor a debruçar-se etimologicamente sobre termos que constituem o contexto do design. Revelando uma série de confluências de significados, o próprio substantivo teria origem em conceitos como signo, designo, desenho. Da mesma forma, evocando ideia de atribuir novo entendimento, provocando ideia de movimento ao redor, estariam a palavra grega *techné* e seu equivalente na língua latina, *ars*, cujo diminutivo é *articulum*.

Embora longe de tentar fazer a seguinte premissa soar como uma crítica pejorativa ao ofício, o ato do designer parece remeter à tarefa de “trapacear” a realidade, no objetivo de facilitar soluções para obstáculos encontrados ao longo da experiência humana. Como a alavanca, que engana a gravidade, ou o estudo da mecânica, que ludibria corpos pesados. De todo modo, já começam a submergir relações entre as palavras técnica, arte e design.

Ainda na mesma obra, Flusser cita poema intitulado “O andarilho angelical”, do místico Angelis Silesius. Na poesia, há trecho onde é dito que a alma possui dois olhos. Um lança-se para a

apreciação do tempo e outro para a contemplação da eternidade. Deste modo, o filósofo desenvolve a metáfora equiparando-a ao olhar do designer, sugerindo que este observaria a vida principalmente com o segundo olho, não atendo-se apenas ao agora, mas ao futuro.

O designer seria um artesão de modelos que superam o tempo e que dizem respeito à condição e à forma do ser humano. Suas criações seriam pertinentes à espécie e, portanto, eternas. Sobre o tema e traduzido pelo autor, o designer austríaco Victor Papanek escreve em sua obra, “Design for the real world” (1977):

Todos os homens são designers. Tudo o que fazemos quase sempre é projetar, pois o design é a base de toda atividade humana. O planejamento e normatização de todo ato dirigido a uma meta desejada e previsível constitui um processo de design. [...] Design é um esforço consciente para estabelecer uma ordem significativa (PAPANEK, 1977, p.5).

Design é uma atividade que expande-se a formas de pensamento sobre o mundo e sobre a vida. De produtos palpáveis a esquemáticas de atuação perante situações-problema, a prática tem se mostrado uma forma de sistematizar soluções e descentralizar modos de produção. Do micro ao macro, sua interferência tem desconhecido limitações de aplicação: de objetos e utensílios diários à integridade de grandes centros urbanos, de processos de comunicação a modelos de gestão de sociedades inteiras.

Em seu texto “Designs for the pluriverse: radical interdependence, autonomy, and the making of worlds”, o antropólogo colombiano Arturo Escobar explicita questão relacionada ao exercício do ofício do design: há uma face desenvolvimentista voltada exclusivamente para grandes empresas ou instituições. A própria natureza de tal ocupação implica métricas de otimização de insumos materiais, o que pode reverberar diretamente com o viés destrutivo do sistema sócio-político vigente. Quando não são considerados os fatores humanos e naturais por trás dos processos de produção, contribui-se para o agravamento de disparidades sociais e desequilíbrios ambientais.

Da forma como vem sendo conduzida, a prática do design tem estado majoritariamente a serviço do desenho de novas possibilidades de criação, minimizando custos, imprevistos e tempo empregado na feitura de algo - além de todo e qualquer impedimento físico. Porém, se apenas com vistas à obtenção de ganhos às custas de tudo e todos, o design passa a se tornar parte dos problemas aos que se propõe a solucionar, esquecendo-se assim dos principais meios dos quais serve-se (a natureza) e presta-se a servir (o ser humano).

Tal viés de progresso no exercício da profissão não deve ser de todo condenável, afinal, facilitar a experiência humana é objetivo vantajoso. Entretanto, com o advento das revoluções industriais, tecnológicas e de automação, a sociedade passou a adotar padrões de consumo cada vez mais velozes e centrados primariamente na tecnologia.

De acordo com o designer canadense Bruce Mau, em “Massive Change: a manifesto for the future of global design”, uma saída para a atual conjuntura caótica que assola o planeta consistiria em voltar-se para o coletivo e todo o potencial que as comunidades evocam. Educação, coletividade, escuta. Somente levando em consideração as partes presentes em todas as esferas da sociedade, seria possível considerar completamente exitoso o exercício do design.

6

Produto audiovisual

Culminância de todo o processo de registro audiovisual das sete expedições realizadas pelo autor ao TI Bragança-Marituba, no Oeste do Pará, o vídeo produzido leva o mesmo nome que o projeto do grupo de pesquisa da UnB, *Projeto Amazônia: visualidade gráfica, poética e imaginada*.

Ao longo de sete expedições à Amazônia, dezenas de exposições promovidas pelo grupo, participações em congressos e uma série de outros produtos audiovisuais, a materialização do período em produto audiovisual inicia-se a partir da memória de um HD externo (disco rígido). Mais de dois *terabytes* colecionados de 2017 a 2013.

Diferentes dispositivos, portanto técnicas, foram empregadas na gravação de cada viagem: uma câmera filmadora, uma fotográfica (HD SLR), uma de ação (à prova d'água), uma estabilizada, uma 360° e um drone. Além destas, foi empregado o uso de lentes teleobjetivas, grande angulares e macro – para os detalhes em proximidade.

Da mesma maneira em que foi conduzido o processo de pesquisa e redação do texto, o produto respeita as orientações feitas pela Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio. Dessa maneira, a identidade dos participantes da aldeia foi preservada. Foram utilizadas apenas imagens onde os rostos das pessoas não estavam em evidência.

De caráter documental, o produto segue a lógica de uma “nota coberta”. Durante a edição do vídeo, optou-se por não tornar visíveis os personagens que prestam depoimentos, ou seja, suas falas foram “cobertas”, ilustradas por imagens relativas. Somente foram identificados os professores dos Programas de Pós-Graduação.

Ao passo em que um grande número de imagens de detalhes de texturas foram registradas, a montagem do produto deu-se de forma a integrar as informações em forma de áudio com as diversas texturas visuais em um grande apanhado de impressões e camadas sonoras.

Ao mirar o filme ‘Projeto Amazônia’ finalizado, a sensação final após todo o processo é uma obra aberta. De processo em andamento. Diversas fases foram concluídas, todo um ciclo se encerrou. Mas a sensação é de que a luta é um processo contínuo. Um projeto de vida. Tanto para os não-indígenas, quanto, principalmente, para os Munduruku.

7

Considerações finais

Enquanto mecanismo/prática facilitadora de problemas relativos à condição humana, o design, cada vez mais, passa a se apresentar como uma forma existencial de pensamento e ação no mundo. Muito mais do que simples projeção de insumos materiais, a profissão do designer tem tomado forma de tipo de comportamento perante à vida. Forma de se enxergar a realidade no planeta. Manifestando-se nos diversos setores de vida, tal atividade tem sido adotada em quaisquer segmentos que possam a vir a facilitar a experiência de existência do ser humano.

Aspecto de suma importância que deve ser ressaltado em relação à atividade, é sua natureza de contemplar o agora, mas também de olhar constantemente para o futuro em direção à eternidade. É uma profissão onde se transforma a realidade deixando contribuições a gerações futuras, que tem oportunidade de existir usufruindo de progressos estabelecidos no processo. O exercício do design constantemente ressignifica a própria percepção do que é viver.

O fato é que a culpa da atual situação de disparidade social e desequilíbrio ambiental não reside na tecnologia em si, mas na condução da mesma. Atribui-se mais valor à tecnologia como sendo finalidade, objetivo destino a ser celebrado, quando seu verdadeiro propósito deveria ser de apenas mediar as necessidades do ser humano e minimizar seu sofrimento existencial.

Cabe ao profissional da redesignação e ressignificação, o papel de agir como um equilibrista de paradoxos: a missão de contemplar as diversas partes envolvidas no exercício de seu ofício de projetar modelos provedores da vida. E, principalmente, levar em conta cada particularidade presente no processo de construção de uma sociedade mais justa e equânime.

Fruto do empenho e desenvoltura do corpo discente da aldeia, durante a segunda fase das oficinas remotas, o Conselho Indígena Tapajós Arapiuns efetivou os estudantes da Escola Municipal de Ensino Fundamental de Bragança como membros de sua equipe de comunicação. Dentro do universo da comunicação audiovisual, trata-se de uma primeira oportunidade para a vida profissional dos alunos envolvidos no projeto.

Vive-se em estado de constante escolha. Em constante estado de responsabilidade. Responsividade, ou seja, estado de respostas conscientes. Vive-se em escolha de que valores se fazer manutenção. Em escolha do que perpetuar (BAHKTIN, 1993). O vídeo, como é o caso da própria cultura, pode ser considerado um projeto da mesma. Um processo de produção de valores (ARGAN, 1993).

Somente a partir da consciência da opressão, da apreensão das possibilidades é possível ser livre. E o papel de uma escrita tecnológica para grupos pós-coloniais é o da sobrevivência. A contra-

escrita é lugar de ruído, de sátira, de escárnio, de paródia. Resta ao neofascismo o pavor em face da liberdade, da Arte, do diálogo, da poesia, da alegria (SCOTT, 2022).

A violência universalizante é incontestável, mas é o que define as populações pós-coloniais enquanto sujeitos. Ser brasileiro, por exemplo, é um livro em aberto. O fardo civilizacional é justamente a possibilidade dessa persistente reinvenção enquanto existência. O Brasil deve ser espaço de disputa permanente. E o vídeo é apenas uma das chaves para essa constante.

8 Referências

Referências de livros, periódicos, eventos, vídeos, e *websites* utilizados na realização deste trabalho.

8.1 Referências bibliográficas

ALENCAR, José de. **Iracema**. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ARGAN, Giulio Carlo. **A história na metodologia do projeto**. São Paulo: Revista Caramelo, 1993.

BAKHTIN, Mikhail. **Toward a philosophy of the act**. Austin: University of Texas Press, 1993.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor: 2003.

BEIGUELMAN, Giselle; FERLA, Jorge La (Org.). **Nomadismos tecnológicos**. Barcelona: Fundación Telefónica, 2010.

BRAGA, Marco; GUERRA, Andreia; REIS, José Cláudio. **Breve história da ciência moderna**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BRETON, David Le. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

CASAL, Manuel Aires de. **Corografia brasilica**. Rio de Janeiro: Imprensa Régia, 1817.

DUBOIS, Philippe. **Cinema, vídeo, Godard**. São Paulo: Cosac Naif, 2004.

ESCOBAR, Arturo. **Designs for the pluriverse: radical interdependence, autonomy, and the making of worlds**. Durham: Duke University Press, 2018.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FLUSSER, Vilém. **A escrita: há futuro para a escrita?** São Paulo: Annablume, 2010.

_____. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. São Paulo: Hucitec, 1985.

_____. **O mundo codificado**. São Paulo: Cosac Naif, 2007.

HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz (Org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

JAPIASSU, Hilton. **Nascimento e morte das ciências humanas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

LAZZARATO, Maurizio. **Videophilosophy**. New York City: Columbia, 2019.

MARCONI, Marina; LAKATOS, Eva. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2017.

MAU, Bruce; LEONARD, Jennifer. **Massive change: a manifest for the future of global design**. London: Phaidon Press, 2004.

MITCHAM, Carl. **Thinking through technology: the path between engineering and philosophy**. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

PAPANEK, Victor. **Design for the real world**. Madrid: Hermann Blume, 1977.

RANCIÈRE, Jacques. **O destino das imagens**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

SANTIAGO, Silvano. **Vale quanto pesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. **Uma literatura nos trópicos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SCHANKEN, Edward A. **Hot to bot: Pygmalion's lust, the Mahal's fear, and the cyborg future of art**. Savannah: Technoetic Arts, 2005.

SIMAS, Luiz Antônio. **Fogo no mato**. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SPITZ, Rejane. **O virtual como meio de transformação crítica do real**. In: DATJournal, V.6, Nº 1, São Paulo: Anhembi, 2021.

TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda européia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas**. Petrópolis: Vozes, 1976.

8.2

Referências de periódicos

SCOTT, Paulo. O invasor eterno, a literatura e a democracia. **Jornal Rascunho**, São Paulo, out. 2022. Ensaios e Resenhas. Disponível em <<https://rascunho.com.br/ensaios-e-resenhas/o-invasor-eterno-a-literatura-e-a-democracia/>>. Acesso em: 16 de mai. de 2023.

8.3

Referências de eventos

INTERNATIONAL AND INTERDISCIPLINARY CONFERENCE ON SPATIAL METHODS FOR URBAN SUSTAINABILITY, 2., 2022, São Paulo. **An indigenous approach to memory: linking individual past to collective futures**. São Paulo: USP, 2022.

PRINCÍPIOS DE GEOMETRIA MUNDURUKU, 1., 2017, Santarém. **ANARQ convida para**. Santarém: UFOPA, 2017.

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE INOVAÇÃO EM MÍDIAS INTERATIVAS, ENCONTRO INTERNACIONAL DE ARTE E TECNOLOGIA INTERATIVA e SIMPÓSIO INTERNACIONAL BALANCE-UNBALANCE, 9.; 21. e 9., 2022, Santiago. **Entropía**. Santiago: UChile, 2022.

8.4

Referências de vídeos

Pássaro Azul [S.l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (1 min). Publicado pelo canal gustavodarosa. Disponível em: <https://youtu.be/_U0hsS-ZqMg>. Acesso em: 20 de mai. de 2023.

Projeto Amazônia [S.l.: s. n.], 2024. 1 vídeo (8 min). Publicado pelo canal gustavodarosa. Disponível em: <<https://youtu.be/EgldFhBQZ7c>>. Acesso em: 15 de abr. de 2024.

Royal College of Art Gráficosrca [S.l.: s. n.], 2015. 1 vídeo (1 min). Publicado pelo canal gustavodarosa. Disponível em: <<https://youtu.be/GcJemiMFJYc>>. Acesso em: 20 de mai. de 2023.

Universo Amazônia [S.l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (6 min). Publicado pelo canal gustavodarosa. Disponível em: <<https://youtu.be/tBlkebp51Z8>>. Acesso em: 20 de mai. de 2023.

8.5

Referências de sites

AMAZÔNIA: VISUALIDADE GRÁFICA, POESIA E IMAGINÁRIO. Coordenação de Célia Kinuko Matsunaga Higawa. Desenvolvido por Ayana Mira Saito, 2021. Apresenta exposição do grupo de pesquisa Projeto Amazônia da Universidade de Brasília. Disponível em: <<https://www.amazoniagrafica.tk/>>. Acesso em: 16 de mai. de 2023.

MUNDURUKU DE BRAGANÇA. Coordenação de Célia Kinuko Matsunaga Higawa. Desenvolvido por Matheus Dantas de Moraes Almeida, 2022. Apresenta textos e mídias sobre artesanato e histórias dos moradores da Aldeia Bragança. Disponível em: <<https://www.mundurukudebraganca.org>>. Acesso em: 04 de ago. de 2022.

TERRA INDÍGENAS. Coordenação e desenvolvimento por Instituto Socioambiental. Apresenta informações e dados sobre o TI Bragança-Marituba de etnia Munduruku, 2023. Disponível em: <<https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/4178>>. Acesso em: 16 de mai. de 2023.

9

Anexos

Por fim, abreviaturas, siglas e acrônimos em uma espécie de glossário, cronograma executado do projeto e produto audiovisual.

9.1

Glossário

ANARQ – Departamento de Antropologia e Arqueologia da UFOPA

APA – Área de Preservação Ambiental

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior

CEAM – Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares da UnB

CEPq – Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio

COVID-19 – Coronavírus

CITA – Conselho Indígena Tapajós-Arapiuns

dAD – Departamento de Artes & Design da PUC-Rio

DIn – Departamento de Design da UnB

EJA – Educação de Jovens e Adultos

EMEF – Escola Municipal de Ensino Fundamental

FAC – Faculdade de Comunicação da UnB

FLONA – Floresta Nacional

FUNAI – Fundação Nacional dos Povos Indígenas

ICMBio – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

IdA – Instituto de Artes da UnB

ISA – Instituto Socioambiental

MJ – Ministério da Justiça

NEAz – Núcleo de Estudos Amazônicos da UnB

PPG – Programa de Pós-Graduação

PROSUC – Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições Comunitárias de Educação Superior

PUC-Rio – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

RCA – Royal College of Arts

SIIMI – Simpósio Internacional de Inovação em Mídias Interativas

SMUS – Spatial Methods for Urban Sustainability

TI – Território Indígena

UCHile – Universidad de Chile

UFOPA – Universidade Federal do Oeste do Pará

UFPA – Universidade Federal do Pará

UnB – Universidade de Brasília

USP – Universidade de São Paulo

9.2

Cronograma executado

	Mar 22 a Mai 22	Jun 22 a Ago 22	Set 22 a Nov 22	Dez 22 a Fev 23	Mar 23 a Mai 23	Jun 23 a Ago 23	Set 23 a Nov 23	Dez 23 a Abr 24
Levantamento bibliográfico	X	X	X	X	X			
Atendimento à disciplinas	X	X	X	X	X			
Discussão dos resultados			X	X	X	X		
Submissão de artigos		X	X	X	X			
Participação em congresso		X	X	X	X	X		
Extensão na UnB				X				
Pesquisa de campo	X	X	X	X	X	X	X	
Estágio docência	X	X	X	X	X	X	X	
Texto para qualificação					X	X		
Publicação de artigo	X			X				X
Exame de qualificação						X		
Submissão à CEPq						X		
Apreciação da Câmara							X	
Ajustes na dissertação							X	X
Redação do texto final							X	X
Produção de produto								X
Extensão na CCE								X
Defesa da dissertação								X
Revisão do texto definitivo								X
Arquivo em biblioteca								X

9.3

Produto audiovisual

O documentário de curta-metragem 'Projeto Amazônia' está disponível no endereço: <https://youtu.be/EgIdFhBQZ7c>



Fig. 11 – Produto audiovisual 'Projeto Amazônia'



Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rua Marquês de São Vicente, 225
22453-900 Rio de Janeiro Brasil www.puc-rio.br